

O ENSINO COLETIVO DE MÚSICA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO REMOTO.

DIANARA DE ALMEIDA RAMOS¹; ALISSON OLIVEIRA DA SILVA²; JAMILE
LIMA DOS SANTOS³; TAIS DANTAS⁴

¹Universidade Estadual de Feira de Santana – dianara.violinista@gmail.com

²Universidade Estadual de Feira de Santana – alissonsilvaoliveir6@gmail.com

³Universidade Estadual de Feira de Santana – mily12294@gmail.com

⁴Universidade Estadual de Feira de Santana – tais.dantas@uefs.br

1. INTRODUÇÃO

O programa de extensão Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ECIM) é uma ação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) voltada para a promoção da aprendizagem de música de forma gratuita e contextualizada com a formação de grupos musicais. Além da oferta de aulas de instrumento, o programa se destaca no cenário cultural da região a partir de apresentações artísticas realizadas pelos grupos integrantes das atividades. O programa ECIM abarca os seguintes projetos: Orquestra Sinfônica da UEFS, Grupo de Percussão e Grupo de Choro da UEFS, oficinas de instrumento de cordas, sopros, percussão e bateria. As atividades do programa se iniciaram em 2015 e desde então são desenvolvidas nas instalações do campus universitário, atendendo um público diversificado entre alunos, professores, funcionários e comunidade do município e região.

A característica mais marcante das atividades de ensino musical no programa são as aulas em grupo, que se apoiam na metodologia do ensino coletivo de instrumentos musicais. As oficinas são organizadas de acordo com cada instrumento e contam com a participação de bolsistas de extensão, que exercem papel fundamental no desenvolvimento das atividades. Para STERVINO (2014, p. 32) O ensino coletivo pode ser considerado

[...] um método motivador no início dos estudos musicais por vários motivos: os estudantes se incentivam a tocar, eles colaboram na aprendizagem musical do grupo, aprendem a se escutar e escutar os outros, adquirem habilidades na técnica instrumental do instrumento escolhido e também nos outros instrumentos presentes no grupo quando é uma prática heterogênea.

Além dos aspectos musicais trabalhados em grupo, o ensino coletivo mostra-se propício a desenvolver aspectos sociais entre seus participantes. ORTINZ, CRUVINEL e LEÃO (2004, p. 61) destacam que as relações interpessoais se destacam nas aulas coletivas, proporcionando no aluno a possibilidade “de se ver inserido em um grupo e analisar seu próprio papel, sua atuação e consequência de suas ações para os demais membros e para o grupo como todo”.

Um dos grandes desafios do trabalho remoto com música tem sido a necessidade de ressignificar e reinventar as práticas de ensino, adaptando novas tecnológicas e criando metodologias para desenvolver um ensino de qualidade. NÓVOA (2002, p. 36-37) afirma que

Hoje em dia impõe-se cada vez com maior evidência: que os professores não são apenas consumidores, mas são também produtores de materiais de ensino; que os professores não são apenas executores, mas são também criadores e inventores de instrumentos pedagógicos;

que os professores não são apenas técnicos, mas são também profissionais críticos e reflexivos.

O ensino coletivo realizado à distância é uma realidade recente nos diversos contextos de ensino musical, independente de suas finalidades. MONTANDON (2014) aponta inúmeras possibilidades de configuração e funções desta metodologia, afirmando que “as formas de dar aulas, os materiais, os objetivos serão também variados, e adaptáveis ao grupo, mostrando, justamente, os potenciais que a formação em grupo oferece, e que a difere do formato de aula individual.” (MONTANDON, 2014, p. 49).

Neste texto apresentamos um recorte das atividades desenvolvidas no programa de extensão em formato remoto, tendo em vista a suspensão das atividades presenciais na universidade, em decorrência da pandemia por COVID-19, focando as aulas de instrumentos de cordas (violino, viola e violoncelo).

2. METODOLOGIA

As aulas de Ensino Coletivo de Cordas vêm sendo desenvolvidas de forma remota por conta da pandemia, com aulas semanais, entre 1h e 1h30 de duração.

Nas aulas de violino iniciante, tanto a bolsista como os alunos, está sendo a primeira experiência de aulas a distância e com isso também surgem algumas dificuldades, como a timidez de alguns alunos para gravar vídeos tocando. Mas, com a prática individual e coletiva, as atividades, exercícios durante as aulas e encaminhamento dos slides, eles estão se desenvolvendo e conseguindo absorver os conteúdos, mesmo com a distância e o ensino remoto. Com o auxílio do Google Meet e o WhatsApp, é possível compartilhar os assuntos de maneira clara e objetiva. Trabalhar com slides foi uma maneira encontrada para explicar assuntos como a teoria musical, e através dos slides os alunos conseguem compreender melhor o assunto. Nas aulas é necessário passar atividades para que os alunos pratiquem durante a semana e revisem os assuntos que foram aprendidos durante a aula, como exercícios para o desenvolvimento no violino ou atividades envolvendo teoria musical. Nos três primeiros meses, os alunos aprenderam a postura no instrumento, como tocar corda solta, segurar no arco, iniciação à teoria musical, o nome das cordas do instrumento, a posição das notas, escalas, entre outros aspectos. A partir de então, vem sendo desenvolvido o estudo de repertório. Alguns métodos também estão sendo trabalhados para ajudar no desenvolvimento deles.

O bolsista de viola ministra aula para uma turma com alunos iniciantes e intermediários. Assim como nas outras turmas, os desafios em relação à tecnologia também estão presentes. Por conta de ser uma turma composta por níveis diferentes, foi necessário dividir a mesma em duas, assim facilitou a aprendizagem dos alunos, e a progressão de cada turma. Desta forma, os planejamentos foram desenvolvidos com mais precisão, analisando as necessidades de cada aluno e diminuindo assim as dificuldades encontradas. Contudo, é perceptível o avanço instrumental de cada um. A turma vem se desenvolvendo e mostrando interesse pelos assuntos ministrados, onde as aulas são divididas entre práticas e teóricas. Os alunos recebem as atividades a serem desenvolvidas em casa, por exemplo: gravar um vídeo tocando a música que foi estudada durante a oficina e exercícios teóricos. Assim, é possível avaliar melhor o que foi absorvido da parte teórica e da *performance*. Em seguida, cada aluno recebe de forma individual os feedbacks sobre como podem melhorar a música e,

consequentemente, os estudos ao longo da semana. Ao final de cada peça musical que foi estudada, cada aluno grava um vídeo de forma individual, para que seus colegas, familiares, amigos entre outros, assistam e vejam a evolução instrumental de cada um. O WhatsApp também tem sido um meio para garantir a comunicação com os alunos, compartilhando os vídeos gravados e também para enviar os links da sala virtual, além de contribuir com uma melhor interação entre o professor e os alunos.

Por fim, outra bolsista ministra aulas em uma turma avançada, composta por violinos e violoncelo. Com aulas práticas e teóricas, os alunos vêm absorvendo novos conteúdos, sendo fundamental para mantê-los ativos nos seus instrumentos. Por ser uma turma mais avançada, a bolsista fez um diagnóstico individual para compreender quais as necessidades de cada um. Através dessa análise, chegou-se à conclusão de que muitas questões teóricas e harmônicas ainda não faziam parte do dia a dia musical dos alunos, assim, as aulas semanais são compostas, inicialmente, por conteúdos teóricos, como escalas menores, sincopes, contratempos, ritmos compostos, entre vários outros assuntos teóricos. Também faz partes das aulas os estudos dos períodos da história da música, abordando os principais compositores. As músicas são escolhidas com a participação dos alunos, onde se formou repertório eclético, com músicas eruditas e populares brasileiras, arranjadas para o formato da turma. Os alunos também enviam vídeos tocando trechos das músicas via WhatsApp, para serem avaliados e recebem *feedbacks* para que possam avaliar sua evolução. Também são elaborados vídeos mosaico como registro do trabalho desenvolvido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os bolsistas utilizam a plataforma do Google Meet para ministrarem as aulas, pois é uma plataforma que funciona com uma hora ou mais por chamada em tempo real, enquanto outras são interrompidas antes deste tempo. Porém, para instrumentos musicais essas plataformas não são perfeitas, não é possível escutar com uma boa qualidade o som do instrumento que é passado pela tela do celular ou computador, e esse é um dos grandes problemas que vem sendo enfrentado nas aulas de ensino musical remoto. O som muitas vezes chega em ruídos ou com delay, e acaba saindo um som mais mecanizado e não o original do instrumento. Mesmo com essas questões as aulas fluem e a troca de conhecimento é feita, além disso, cada bolsista se baseia em outras formas de comunicação para melhor contribuir na aprendizagem dos alunos, como é o caso das gravações de vídeos e áudios individuais.

Uma das grandes vantagens do ensino coletivo é a motivação proporcionada pelo trabalho em grupo no ensino coletivo. Neste sentido, foi possível perceber que, aos poucos foram perdendo a vergonha de tocar e de ligar as câmeras nas aulas, demonstrando interesse mesmo diante das dificuldades de se aprender um instrumento virtualmente.

A experiência relativamente recente de se ministrar aulas coletivas de instrumento online vem apresentando desafios e dificuldades, contudo, temos percebido o avanço nas habilidades técnicas musicais em todos os níveis, tais como: aprimoramento e desenvolvimento da postura nos instrumentos; reconhecimento e afinação das notas musicais; leitura de partituras; e conhecimento teórico musical. Além destas, percebe-se também a presença de competências atitudinais desenvolvidas, como a interação grupo e a cooperação em grupo, mesmo à distância.

4. CONCLUSÕES

O ensino coletivo de instrumentos musicais vem desempenhando um importante papel na oportunização da aprendizagem musical em diversos contextos. Na extensão universitária, além de possibilitar a aprendizagem musical para a comunidade feirense em geral, também dá oportunidades de ensino e aprendizado para os alunos de Licenciatura em Música da Universidade, fazendo com que se preparem para serem profissionais nas suas áreas, contribuindo assim, para o mercado de trabalho diversificado de ensino de música.

No que diz respeito às aulas remotas em decorrência da pandemia por Covid-19, professores de música vêm tentando superar as dificuldades tecnológicas que envolvem a qualidade da transmissão do som de forma síncrona. No entanto, a intermediação do ensino e aprendizagem via internet vem sendo mais uma alternativa para promover o ensino de música, incentivando professores a desenvolver novas metodologias e ferramentas para o ensino, como gravação de áudio e vídeos, utilização das redes sociais para comunicação e compartilhamento de materiais didáticos. Com base nesses relatos de experiência, foi possível perceber a importância dos planejamentos para cada turma, pensando sempre em como promover a evolução musical dos alunos por meio de planos que busquem melhorar o interesse, a interação nas aulas e principalmente, motivá-los a continuarem estudando seus instrumentos. Assim, entendemos que é possível promover a aquisição de conhecimento musicais de forma integrada, por meio do ensino remoto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

MONTANDON, M. I. Epistemologia do Ensino Coletivo e os dez anos do ENECIM. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO, 6**. Salvador, 2014. Anais do VI ENECIM. Salvador: UFBA, 2014. p 43-51.

ORTINS, F.; CRUVINEL, F. M.; LEÃO, E. O papel do professor no ensino coletivo de cordas: facilitador do processo ensino aprendizagem e das relações interpessoais. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1**. Goiânia, 2004. Anais do I ENECIM. Goiânia: UFMG, 2004. p. 60-67.

STERVINO, A. Ensino Conservatorial Versus Ensino Coletivo: algumas reflexões. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO, 6**. Salvador, 2014. Anais do VI ENECIM. Salvador: UFBA, 2014. p 25-32.